

Proposta da Sessão

**ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS MEDIADOS
PELA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA¹**

Eixo Temático Psicologia E Educação

Coordenadora: Silvana Calvo Tuleski²

A proposta desta sessão coordenada tem como objetivo apresentar o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa institucional intitulado “A RELAÇÃO ENTRE AS CATEGORIAS MARXISTAS E A PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL: REVELAÇÕES A PARTIR DO CINEMA CONTEMPORÂNEO”, iniciado em 2007, desenvolvido por docentes do Departamento de Psicologia e do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá, além de discentes da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da mesma instituição.

O primeiro trabalho que compõe a sessão, denominado **Categorias marxistas e a psicologia histórico-cultural: revelações a partir do cinema contemporâneo**, objetiva expor o desenvolvimento do projeto desde o início, as etapas até agora desenvolvidas e os resultados obtidos. Busca explicitar a raiz histórica do CINEMA como “sétima arte” que emerge a partir do desenvolvimento industrial e, portanto, com a modernidade. Embora seja um tipo de arte relativamente recente, datando de 1895, seu desenvolvimento e difusão foi rápido, pois no início do século XX, já existiam centenas de cinematógrafos distribuídos na Europa, apresentando imagens “documentais” como registros de situações cotidianas como vistas, paisagens, hábitos e costumes de civilizações distantes, geográfica e culturalmente, umas das outras, conforme Duarte (2002).

Deste modo coloca-se para a humanidade a possibilidade de conhecer outras realidades, de “vê-las”, sem que houvesse a necessidade de passar pela experiência. Porém, diferentemente dos livros que permitem este conhecimento mediatizado pela experiência de

¹ Apoio da Fundação Araucária.

² Doutora em Educação Escolar, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.
E-mail: silvanatuleski@gmail.com.

outro, com o cinema se tem a possibilidade da imagem em ação, unida às narrativas escritas e faladas.

O propósito do primeiro trabalho é demonstrar por meio do desenvolvimento de uma pesquisa experimental, alguns dos pressupostos fundantes da Psicologia Histórico-Cultural e do materialismo histórico, que compreende ser a Arte, como também a Ciência e Filosofia, possibilidade efetiva para o desenvolvimento humano quando apropriadas pelos homens, por despertar neles o que há de mais elevado em termos de desenvolvimento: o cientista, o artista e filósofo, aguçando a sensibilidade, a curiosidade, a racionalidade e a capacidade de ir além do óbvio.

Os trabalhos dão sequência a sessão tem como objetivo apresentar as sistematizações realizadas no Projeto de Pesquisa citado, porém explicitando e exemplificando os procedimentos adotados no trabalho com filmes, utilizando a narrativa fílmica como meio para o desenvolvimento de conceitos científicos.

Deste modo, o segundo trabalho que compõe a sessão, intitulado **Divisão social do trabalho, complexificação dos instrumentos e formação da consciência: discussões a partir do filme Spartacus**, procurará trabalhar conceitos importantes do materialismo histórico e da Psicologia Histórico-Cultural a partir da saga do personagem de mesmo nome do filme, escravo que se torna gladiador e lidera a maior revolta de escravos do Império Romano, conhecida como “*Terceira Guerra Servil*” ou “*Terceira revolução: a plebe entra na cidade*” conforme Coulanges (2009).

A terceira apresentação, intitulada **A Revolução Francesa e suas contradições através do cinema: uma breve análise de Danton (1983)** discutirá os conceitos de revolução, contrarrevolução e estrutura da atividade (motivo, sentido, significado, ação, operação). O filme em questão é uma co-produção polonesa e francesa, dirigida pelo polonês Andrzej Wajda, com Gerard Depardieu como Danton e Wojciech Pszoniak como Robespierre e retrata o século XVIII, palco de revoluções tanto no sentido estrutural (econômico) como a revolução industrial e tanto no sentido superestrutural (político) que foi a Revolução Francesa.

Por fim, compondo o último trabalho da sessão, intitulado “**Daens**”: **Sobre a miséria da riqueza na Europa do Século XIX**, serão sistematizados os conceitos:

contradição e mediação instrumental. O filme citado narra uma história real do Padre Daens, nascido em 18 de dezembro de 1839 e falecido em 1907, cujo contexto apresenta de modo dramático a condição de vida e de trabalho no final do século XIX na Europa.

Por fim, procura-se, com a organização desta sessão, demonstrar o desenvolvimento do projeto e os resultados até o momento obtidos na direção da organização de procedimentos didático-pedagógicos que aliam a arte cinematográfica, a linguagem fílmica e o desenvolvimento de conceitos científicos abstratos, no caso aqui pretendido, conceitos afetos à Psicologia Histórico-Cultural e ao materialismo histórico-dialético.

Em suma, a partir deste referencial, entendemos que nem a Ciência – no caso a Psicologia – e nem a Arte, podem ser apropriadas de maneira puramente abstrata, isto é, desligada da materialidade que as produz. Da mesma maneira que temos os diversos movimentos dentro da arte, tanto na literatura, pintura, escultura, como poesia, etc., há movimentos e correntes no que hoje é considerada a sétima arte: o cinema. Desta forma, unir Cinema e Psicologia Histórico-Cultural em um mesmo projeto constituiu aqui um desafio, que só poderia ser concretizado por um método unificador: o materialismo histórico-dialético.

Referências

Coulanges, F. (2009). *A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e Roma*. São Paulo: Martin Claret.

Conix, S. (1993). *Daens: Um grito de Justiça*. [DVD] São Paulo: Look Filmes.

Duarte, R. (2002). *Cinema & Educação* (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.

Kubrick, S. (1960). *Spartacus*. [DVD]. EUA: Universal Pictures.

Wajda, A. (Diretor). (1983). *Danton: o processo da revolução*. [DVD]. França / Polônia: Gaumont International / Les Films du Losange / Production Group X / TF1 Film Productions / S.F.P.C. - T.M. / P.P. Film Polski.

Apresentação 1

CATEGORIAS MARXISTAS E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: REVELAÇÕES A PARTIR DO CINEMA CONTEMPORÂNEO³

Silvana Calvo Tuleski⁴ *
Lenita Gama Cambaúva
Marta Chaves
Marilda Gonçalves Dias Facci
Oriomar Skalinski Jr.
Achilles Delari Junior
Rafael Egídio Leal e Silva
Hilusca Alves Leite
Leandro do Carmo Souza
Rhayane Lourenço da Silva
Paulo Sérgio Pereira Ricci
Jéssica Elise Echs Lucena
Maria Aparecida Santiago da Silva.

Introdução

O CINEMA, a sétima arte, surge com o desenvolvimento industrial, com as contradições da própria sociedade moderna, burguesa, tal qual a ciência psicológica. Segundo Duarte (2002), em 1895, na França, pela primeira vez na história, 33 pessoas assistiram as primeiras projeções de filmes dos irmãos Lumière, inventores do cinematógrafo. Sua difusão foi rápida: no início do século XX já existiam centenas de aparelhos semelhantes distribuídos pela Europa. Apresentavam imagens “documentais”, como registros de situações cotidianas, vistas, paisagens, hábitos e costumes de civilizações distantes, geográfica e culturalmente, umas das outras. “O homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento, independentemente da avaliação estética, política ou ideológica que se faça do que isso significa” e “muito da percepção que temos da história da humanidade talvez esteja irremediavelmente marcada pelo contato que temos/tivemos com as imagens cinematográficas” (Duarte, 2002, p. 18).

³ Apoio da Fundação Araucária.

⁴ Doutora em Educação Escolar, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: silvanatuleski@gmail.com.

Coloca-se assim, para a humanidade, uma possibilidade de conhecer outras realidades, vê-las, sem a necessidade de passar pela experiência. A imagem em ação soma-se, pela primeira vez, às narrativas escritas e faladas comuns para socializar conhecimentos e experiências de gerações anteriores e de outros grupos (em relatos reais ou fictícios) e às imagens estáticas das pinturas e esculturas. Assim, que impacto para o psiquismo humano teve a invenção do CINEMA e ainda tem? Criticamos a chamada “sociedade do espetáculo”, mas também são necessários estudos que discutam se tal mediação pode, objetivando promover humanização, ser uma via de desenvolvimento e apropriação de conceitos.

Considerando que vivemos em uma sociedade estruturada em classes antagônicas onde os indivíduos têm diferentes possibilidades de desfrutar da educação, da arte, de colocar-se no mercado de trabalho, etc. e que isto repercute na sua constituição⁵, entendemos ser necessário recuperar a essencialidade do sujeito é compreendê-lo como ser histórico e social, a relação objetividade e subjetividade é de unidade dos contrários, como propõe o materialismo-histórico. Portanto, é importante recuar à análise da sociedade capitalista, realizada por Marx & Engels (1991) no século XIX, para compreender o impacto atual do capitalismo, e de suas contradições, na constituição da subjetividade. Eles já apontavam o problema decorrente da divisão do trabalho que se constitui em divisão entre pensar e fazer, entre trabalho material e espiritual, pois só a partir desta divisão a consciência *pode* imaginar ser algo diferente da consciência da *praxis* existente. A força de produção, o estado social e a consciência entram em oposição entre si, pois com a *divisão do trabalho* a atividade espiritual e material – fruição e trabalho, produção e consumo – caberão a indivíduos diferentes na sociedade.

Assim, na sociedade capitalista os indivíduos vão procurar *apenas* seu interesse particular, pois não se sentem pertencentes a um coletivo que produzem e do qual são produto. Seus interesses privados não coincidem com o interesse coletivo, e até se opõem a ele. No seio do processo o interesse comum se faz “estranho” aos indivíduos, “independente”, o que Marx & Engels (1991) denominam *alienação*. A alienação é entendida como não-efetivação, pelo indivíduo, de conquistas efetuadas historicamente pelo gênero humano (Markus, 1974). Podemos dizer que a alienação consiste em distanciamento, ruptura e conflito

⁵ A esse respeito sugerimos consultar Sennett, 2001; Mészáros, 2003; et al.

entre a riqueza material e intelectual do ser humano e a vida de cada pessoa. A humanidade enriquece-se ao longo da história, mas isso não se traduz em enriquecimento de cada ser humano. A grande maioria das pessoas vive em condições muito aquém do já alcançado pelo gênero humano em seu enriquecimento. Para Leontiev (1978), na sociedade de classes, o acesso à riqueza material e intelectual dentro de limites miseráveis, limita o desenvolvimento das funções psicológicas.

Frente a estes posicionamentos, a reflexão crítica impõe-se como necessidade, mas ela não se faz sem apropriação da Ciência, Arte e Filosofia, em sua historicidade. Não somente a Arte, mas também a Ciência e Filosofia, quando apropriadas, despertam no trabalhador: o cientista, o artista e o filósofo. Aguçando a sensibilidade, a curiosidade, a racionalidade e a capacidade de ir além do óbvio. Para não ficarmos inertes, conformados, anestesiados diante das mazelas provocadas pelo neoliberalismo, cabe partir de trabalhos de psicólogos e educadores marxistas que compreendem a escola como uma instituição de socialização das formas mais desenvolvidas e ricas de conhecimento. A Psicologia Histórico-Cultural iniciada por Vigotski contrapõe ideários que desconsideram a historicidade dos fenômenos humanos.

A partir deste referencial, entendemos que nem Ciência nem Arte podem ser apropriadas de maneira abstrata, desligada da materialidade que as produz. Como temos diversos movimentos dentro da arte, na literatura, pintura, escultura, poesia, etc., temos correntes na sétima arte: o cinema. Desta forma, unir Cinema e Psicologia Histórico-Cultural num mesmo projeto é desafio que só pode concretizar-se por um método unificador: o materialismo histórico-dialético que compreende que para que um indivíduo torne-se membro do gênero humano é preciso que se aproprie do patrimônio material e espiritual acumulado pela humanidade em cada momento histórico.

Dos objetivos ao desenvolvimento do projeto

Tem-se como objetivo geral: “relacionar as categorias do Materialismo Histórico Dialético evidenciando-as como base dos conceitos da Psicologia Histórico-Cultural a partir de recursos cinematográficos” e como objetivos específicos: (1) Evidenciar arte e ciência como formas mais elaboradas de conhecimento humano; (2) Compreender o Cinema como

forma de arte, seus diversos movimentos como diversas formas de captar e expressar a realidade através da linguagem cinematográfica; (3) Caracterizar o desenvolvimento histórico até o capitalismo atual e suas repercussões na constituição da consciência dos indivíduos a partir do cinema; (4) Estudar as categorias do método materialista histórico e dialético a partir de clássicos como Marx, Engels, Lênin; (5) Demonstrar experimentalmente que é possível “ensinar a ver”, “ensinar a ouvir”, como se ensina a ler, escrever e calcular e que tal processo faz avançar a formação de conceitos científicos e as funções psíquicas superiores a patamares mais complexos; (7) Verificar o avanço cognitivo e conceitual dos participantes do projeto por avaliações qualitativas de conceitos científicos.

Para alcançar os objetivos, o projeto desenvolve-se em etapas: seleção de filmes clássicos que expressam diversos períodos históricos; seleção de textos clássicos do marxismo e discussão sobre as principais categorias do materialismo-dialético; seleção de textos em Psicologia Histórico-Cultural (Vigotski, Luria e Leontiev) e discussão de seus fundamentos; elaboração de textos para discutir os filmes, destacando categorias essenciais do marxismo e da Psicologia Histórico-Cultural; organização de Grupo Piloto com alunos dos primeiros anos de cursos da UEM, verificando conceitos anteriores ao trabalho (pré-teste) com os seis filmes selecionados para exibição (Guerra do Fogo, Spartacus, Lutero, Danton, Daens e Linha de Passe) e discutindo mediante os textos norteadores; realização dos encontros com o Grupo Piloto; e verificação dos conceitos apreendidos pelos participantes (pós-teste). Por fim, será realizada análise qualitativa de todo o material coletado por meio de filmagens das discussões em cada encontro, das entrevistas do Pré e Pós-Teste e do material escrito produzido pelos participantes. Esta análise se pautará em Vigotski (2001)⁶.

Das possibilidades que se abrem com o término deste trabalho

O Cinema, neste projeto, foi objeto de conhecimento e, ao mesmo tempo, recurso para a apropriação do conhecimento filosófico e científico. Ele é apropriado como expressão artística que contém determinada linguagem distinta de outras artes, e também em sua *história*, seu movimento como uma produção humana. A partir desta compreensão foi possível usá-lo como recurso importante para a apropriação de conceitos sobre a natureza

⁶ Esta etapa no momento de envio do trabalho ainda não foi realizada.

humana, sua constituição e evolução. Neste sentido, buscamos unir dois aspectos: o analítico e o sensorial. Não basta *ver* filmes, cabe *ensinar* a vê-los, ouvi-los, para que se ponham sob a luz da consciência.

Neste sentido, buscamos elementos na Psicologia Histórico-Cultural para demonstrar que a “competência para ver” no sentido de captar e interpretar os significantes e significados é adquirida social e culturalmente. A experiência e o acesso à arte e à ciência permitem o desenvolvimento das funções psicológicas para patamares mais complexos. Este projeto, ao articular Cinema e Psicologia Histórico-Cultural tendo como norte o método materialista-dialético, articula também arte e educação, especificamente cinema e educação, procurando ir além da prática de somente assistir filmes na escola ou na universidade, pois concordamos com Duarte (2002) quando observa que o domínio da linguagem audiovisual constitui *poder* na atual sociedade, sendo, portanto, tarefa dos meios educacionais proporcionar os recursos adequados para aquisição deste domínio.

O Projeto vem possibilitando, aos participantes, aprofundar categorias do materialismo histórico e dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, elaborando atividades pedagógicas que auxiliam a apropriação destas categorias. A compreensão de conceitos com alto grau de abstração é complexa, principalmente em sua introdução. Aliar o vivido, experienciado, com o conceito abstrato, permitindo a superação dos conceitos cotidianos superficiais, é meta para a Psicologia Histórico-Cultural. Para isto, cabe sistematizar um método adequado a tal apreensão, compatível com tal abordagem teórica, para não cair na dupla armadilha: ora os filmes ficam como entretenimento desvinculado do conteúdo, ora como exemplo do que foi trabalhado pelo professor. Busca-se, neste projeto, a utilização sistematizada de filmes como “meio” ou instrumento para a apropriação de conceitos.

A partir de Vigotski, entende-se que os conceitos científicos se desenvolvem a partir dos conceitos cotidianos e para que isso ocorra são necessários mediadores eficientes que auxiliem na sistematização do conhecimento. O objetivo central deste Projeto é delimitar de que modo o recurso cinematográfico pode atuar como mediador de maneira eficiente, promovendo a elevação dos conceitos, no sentido que Saviani (2004) também nos dá “do senso comum para a consciência filosófica”. Até aqui, tem sido evidente o avanço conceitual alcançado pelos participantes do Projeto, nas leituras e discussões dos textos e filmes. Temos

clareza que a condução metodológica coerente do GRUPO PILOTO é o ponto central para que possamos trazer contribuições para a organização das atividades pedagógicas não só no âmbito da graduação quanto da pós-graduação, bem como ser utilizado como recurso em cursos de capacitação de professores, de uma maneira mais sistematizada e eficaz.

Referências

- Duarte, R. (2002). *Cinema & Educação* (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Moraes.
- Markus, G. (1974). *A teoria do conhecimento no jovem Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Marx, K. & Engels, F (1991). *A ideologia alemã* (8a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Mészáros, I. (2003). *Século XXI: socialismo ou barbárie*. Rio de Janeiro: Boitempo.
- Saviani, D. (2004). *Educação: do senso comum à consciência filosófica* (15a ed.). Campinas, SP: Autores Associados.
- Sennett, R. (2001). *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (5a ed.) Rio de Janeiro: Record.
- Tonet, I. (2006). *Educação e formação humana*. Recuperado em 20 de março de 2007, de <
http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/EDUCACAO_E_FORMACAO_HUMANA.pdf>.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Apresentação 2

**DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO, COMPLEXIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS
E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: DISCUSSÕES A PARTIR DO FILME
SPARTACUS.**

Leandro Carmo de Souza*
Lenita Gama Cambaúva
Rafael Egídio Leal e Silva
Silvana Calvo Tuleski.

O presente resumo tem como propósito analisar e discutir a relação entre a constituição do homem e as categorias: *divisão social do trabalho* (categoria marxista) e *formação da consciência a partir da complexificação dos instrumentos e signos* (categoria da Psicologia Histórico-Cultural), a partir de elementos trazidos pelo filme Spartacus (1960).

O filme épico Spartacus, dirigido por Stanley Kubrick (1960), é uma adaptação do livro homônimo de Howard Fast, que, inspirado em um personagem real – Espártaco (120 - 70 a.C.) –, relata a trajetória do protagonista, que surge em cena como escravo e que aos poucos é transformado em gladiador e, posteriormente, líder da maior revolta de escravos do Império Romano, conhecida como Terceira Guerra Servil.

Para a compreensão, à luz dos princípios metodológicos do materialismo histórico-dialético, desse processo de transformação do protagonista, de escravo à líder de uma revolta contra o Império Romano, torna-se necessária uma análise dos elementos sociais que constituíram o contexto histórico e, dialeticamente, o próprio protagonista. Utilizando as categorias anteriormente elencadas, como elementos norteadores, esse recuo *na história* tem como marco inicial o período de transição para a civilização, definida por Engels (1995) como *a fase superior* da barbárie. A este período pertencem os gregos da época histórica, as tribos Ítalas de pouco antes da fundação de Roma, os germanos de Tácito, os normandos do tempo dos vikings.

Com a *complexificação de instrumentos* e seu uso criam-se condições para se lavrar a terra em larga escala (agricultura), para a derrubada dos bosques que se transformavam em pastagens e terras cultiváveis. Tais atividades seriam impossíveis sem a criação da pá e do

machado de ferro, acarretando um rápido aumento da população que vai se instalando densamente em pequenas áreas ou povoados. Essas modificações, resultantes do desenvolvimento da técnica, vão operar mudanças significativas nos modos como os homens compreendem a natureza e a si mesmos.

Com o desaparecimento do modo de produção baseado na coletividade, constitui-se o escravagismo, primeira grande divisão de classes sociais ou *primeira divisão social do trabalho*. De um lado o prisioneiro de guerra que passa a ser o escravo, isto é, trabalhador forçado, sem nenhum direito, incluindo aí o direito à própria vida. De outro lado o proprietário dono do escravo, que nada produz e tem a ociosidade como forma perfeita do homem livre viver (Politzer; Besse & Caveing, 1970).

A decadência da Grécia a partir do século IV a.C., em decorrência de suas crises internas e frágil política externa, vai demarcar o crescente desaparecimento da *pólis*, que deixa de ser o centro das decisões políticas devido à sujeição ao império macedônico e, posteriormente, romano. Com o desmoronamento da sociedade grega, o Império Romano com sua política expansionista passa a dominar a cultura helenística.

Do exposto, fica evidente que com o crescente domínio do homem sobre a natureza, com o desenvolvimento de *instrumentos* cada vez mais complexos, habilidades também complexas são aperfeiçoadas pelo homem; dito de outro modo, sendo o instrumento o meio pelo qual o homem realiza suas ações de trabalho, ele também desenvolve e materializa as propriedades necessárias à sua função, conforme Leontiev (2004). Neste sentido, o instrumento carrega em sua configuração material o trabalho coletivo empregado em sua elaboração e utilização. Por isso cada novo instrumento criado pode ser considerado como um novo grau de desenvolvimento das aptidões e conhecimentos dos homens em relação à natureza e a si mesmos. Tais habilidades não ficam restritas apenas às físicas, mas também à linguagem ou signos que ganham em complexidade e a partir deles as formas de explicação dadas pelo homem à natureza e suas forças, à sociedade e ao próprio homem.

Exercer controle sobre a natureza e sobre o próprio homem, com a sujeição imposta pela escravidão dentro de uma mesma sociedade, ou de uma sociedade sobre outras, faz avançar a descrença nos deuses e a crença no poder ilimitado humano, principalmente

individual, refletido na figura do Imperador e no Estado, que vai adquirindo poderes quase *sobrenaturais*.

Para Engels (1995), o estágio da produção de mercadorias com que começa a *civilização*, período retratado no filme, caracteriza-se, economicamente falando, pela introdução: 1. da moeda metálica, o dinheiro, os juros e a usura; 2. dos comerciantes como intermediários; 3. da propriedade privada da terra e a hipoteca; 4. do trabalho como forma predominante de produção por meio da escravidão. O Estado, sob o domínio da classe possuidora é o elemento que dá força e coesão à sociedade e não mais à família ou o grupo.

Finley (1984) destaca que a escravatura aumentava a produtividade na organização social antiga. Quanto mais território era incorporado pelas guerras de rapina, crescia o número de centenas de milhares de homens, mulheres e crianças que eram atiradas para o mercado de escravos. De acordo com Parain (1984), a existência da escravidão, inicialmente, era um modo de manter uma relativa igualdade entre os homens livres. Outro modo de manutenção deste pretense equilíbrio estava posto pelas guerras de conquista que possibilitavam a oferta de lotes de terra aos cidadãos, estrangeiros e demais empobrecidos em conformidade com o crescimento demográfico. Porém, tais tentativas encerravam contradições como o crescente aumento da quantidade de escravos e como consequência as ameaças constantes de rebeliões.

Com a elaboração de *instrumentos* cada vez mais sofisticados, a riqueza aumentou com rapidez sob a forma de riqueza individual, pois a arte de tecer, o trabalho com os metais e outros ofícios se desenvolveram de maneira especializada, com maior perfeição, enquanto que a agricultura passava a oferecer variedades, além de cereais, legumes e frutas, azeites e vinhos, cuja preparação tinha que ser aprendida. Este trabalho variado e diversificado que não poderia ser realizado por um só indivíduo produz a *segunda grande divisão social do trabalho*: o artesanato se separa da agricultura. “O constante crescimento da produção, e com ela da produtividade, aumentou a força de trabalho do homem; a escravidão, ainda em estado nascente e esporádico na fase anterior, converteu-se em elemento básico do sistema social” (Engels, 1995, p. 183).

Neste cenário conturbado de lutas de classes (escravos-homens livres e entre os cidadãos pobres-ricos), o aumento da quantidade de escravos, decorrente das crescentes conquistas por meio da guerra, passa a ser mais um fator ameaçador unido ao

descontentamento da plebe que buscava mais direitos no interior do Estado Romano. É nesse quadro, de acordo com Engels (1995), que se processa toda a história da república romana, com suas lutas entre patrícios e plebeus pelo acesso aos empregos públicos, pela distribuição das terras do Estado, até a dissolução final da nobreza patrícia na nova classe dos grandes proprietários de dinheiro e terras. Estes embates entre patrícios e plebeus, demonstrados no filme *Spartacus* (1960) em diversas cenas, evidencia o jogo político-econômico envolvendo, principalmente, o Senado Romano.

Este período denominado por Engels (1995) de civilização demarca outro progresso na *divisão social do trabalho*: a divisão e contraste entre cidade e campo nascida da divisão entre a agricultura e artesanato. Tal divisão possibilita, em determinadas etapas, que a cidade domine o campo ou vice-versa. Mas estas divisões criam uma nova classe que não se ocupa da produção e sim da troca de produtos: os comerciantes.

De acordo com Engels (1995), tal classe, sem tomar parte na produção, conquista gradativamente a direção geral da mesma, destruindo economicamente os produtores, pois ao ser intermediária entre dois produtores, explora ambos sob o pretexto de poupá-los das fadigas e riscos da troca de produtos, ou de encontrar saída para os produtos em mercados distantes. Aos poucos esta classe vai concentrando em suas mãos riquezas e adquirindo influência social e destaque, gerando no mundo civilizado um novo produto: as crises comerciais periódicas. O crescimento de tal classe, no entanto, deveu-se, em grande parte, pela criação do *dinheiro-metal*, a moeda cunhada, um meio para que o não-produtor dominasse o produto e sua produção. Desenvolveu-se, portanto, a “mercadoria por excelência, que encerra em estado latente todas as demais, o instrumento mágico que se transforma, à vontade, em todas as coisas desejadas e desejáveis” (Engels, 1995, p. 187).

Estes dois fatores – a produção da riqueza essencialmente rural e o progresso lento da técnica – proporcionavam que a luta de classes não ganhasse contornos revolucionários, isto é, que se estendesse a grande maioria da população objetivando a mudança radical do modo de produção, mas sim se configurava como lutas individuais ou de grupos como a dos escravos pela liberdade e da plebe empobrecida pela propriedade da terra e ampliação dos direitos políticos.

A escravidão, tal como apresentada no filme, portanto, é a primeira forma de exploração, a forma típica da antiguidade e sucedem-na a servidão na Idade Média e o trabalho assalariado nos tempos modernos. Vigotski (2004) nos aponta que a Psicologia não pode se furtar a considerar o caráter, a natureza e as distinções de classe como fundantes da formação dos tipos humanos. As contradições expressas nas relações sociais dos diferentes sistemas sociais encontrarão sua objetivação tanto no tipo de personalidade, na estrutura do psiquismo humano em um dado período histórico.

Deste modo, por meio do estudo das categorias: *divisão social do trabalho e formação da consciência a partir da complexificação dos instrumentos e signos*, conclui-se que a reflexão sobre os comportamentos, os valores, os modos de vida das personagens do filme *Spartacus* (1960) deve ser conduzida pela análise do modo de organização da vida, as possibilidades dadas ou não para a elaboração e aperfeiçoamento dos instrumentos criados e sua distribuição, isto é, as relações sociais de produção.

Referências

- Engels, F. (1995). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (13 ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Finley, M. I. (1984). Amos e escravos. In: Pinsky, J. (Org.). *Modos de produção na antiguidade* (p. 113-156). São Paulo: Global.
- Leontiev, A. (2004). *O Desenvolvimento do Psiquismo*. São Paulo: Centauro.
- Parain, C. (1984). Os caracteres específicos da luta de classes na antiguidade clássica. In: Pinsky, J. (Org.). *Modos de produção na antiguidade* (pp. 223-256). São Paulo: Global.
- Politzer, G; Besse, G; Caveing, M. (1970). *Princípios fundamentais de filosofia*. São Paulo: Hemus.
- Stanley Kubrich (Diretor). (1960). *Spartacus*. [DVD]. Estados Unidos da América: Universal Pictures.
- Vygotsky, L. S. (1930). *A Transformação Socialista do Homem*. URSS: Varnitso. Recuperado em 19 de agosto, 2010, de Marxists Internet Archive: <http://www.marxists.org/>.

Apresentação 3

A REVOLUÇÃO FRANCESA E SUAS CONTRADIÇÕES ATRAVÉS DO CINEMA: UMA BREVE ANÁLISE DE DANTON: O PROCESSO DA REVOLUÇÃO (1983)

Lenita Gama Cambaúva
Marta Chaves
Hilusca Alves Leite
Rafael Egídio Leal e Silva*

O presente texto por meio do filme **Danton: o processo da revolução** (1983), que retrata o período pós-revolução francesa no ano de 1794 tem como objetivo discutir e analisar as categorias marxianas da revolução e contrarrevolução, e as categorias atividade e consciência da Teoria Histórico-Cultural.

O filme, dirigido pelo polonês Andrzej Wajda (1926), centra-se na relação de dois líderes da Revolução Francesa, Danton (vivido pelo ator Gérard Depardieu) e Robespierre (vivido pelo ator Wojciech Pszoniak). Possuidor de grande carisma e do apoio popular, Danton entra em embate contra Robespierre, detentor do poder e líder do grupo que passa a definir os rumos da Revolução. Este período é também conhecido como o período do terror em que se instalam execuções em massa, fome e medo constante. Neste contexto toda e qualquer ação contra o poder instituído é considerada contrarrevolucionária. Por meio de leitura e análise dos textos de K. Marx e A. Leontiev e outros autores marxianos, foi possível a compreensão das categorias elencadas, bem como a ilustração das mesmas na análise do filme.

O palco da história retratada pela película é a França do século XVIII, local de revoluções tanto no sentido estrutural (econômico) como a revolução industrial e tanto no sentido superestrutural (político) que foi a Revolução Francesa. A França feudal, já apresentava indícios de modernidade, pois se baseava por uma economia mercantil e uma burguesia urbana que haviam sido incorporados pela monarquia absolutista. O mercantilismo que é a política de intervenção do Estado não só possibilitou tal integração como também possibilitou a acumulação primitiva do capital que vai posteriormente dar condições reais para a revolução industrial e a consolidação do capitalismo. (Hobsbawm,1982).

Durante a fase popular da Revolução Francesa, instala-se o período do terror, quando a radicalização revolucionária dos jacobinos encabeçada por Robespierre inicia um violento processo político com expurgos, manipulação de julgamentos e uma rotina de execuções pela guilhotina. Danton, líder revolucionário, critica os rumos do movimento, tornando-se mais uma vítima do terror instalado por Robespierre.

Quatro anos após a Revolução, a situação econômica e política da França era não só de crise no sentido de descontrole face a ideia de livre empresa o que possibilitou variações de preço, como também de pânico, visto que cada cidadão era um suspeito em potencial. O embate entre os dois líderes (Robespierre e Danton) pode ser considerado como o resultado de um complexo processo político, determinado os rumos da Revolução Francesa facilitando a ascensão da burguesia como classe hegemônica que define as novas relações sociais e de produção. Danton, que mantinha relações com a alta burguesia, defendia o fim do terror. Robespierre, ao mesmo tempo em que era um idealista que adoecia frente à situação do terror – justamente por ser uma situação incompatível com as teses de liberdade, igualdade e fraternidade que tão arduamente defendera – também não podia romper com seu grupo político, nem com a constatação que o fim das execuções implicaria no domínio das classes sociais mais abastadas, pois sua posição era de defesa incontestável do governo implantado pós-revolução.)

De forma geral a Revolução Francesa representou uma transformação de ideias na medida em que a França do século XVIII adentrava ao capitalismo mercantil. Neste sentido a Revolução foi realmente uma mudança na estrutura da sociedade e que subverteu os ideais da Idade Média pautada no absolutismo até então dominante.

Neste contexto os dois partidos da burguesia definem suas posições político-ideológicas: os girondinos representantes do grupo liberal que detinha o poder econômico, e os jacobinos representantes da pequena burguesia e aliado aos *san-culottes*. Como já explicitado no contexto revolucionário havia dois partidos da burguesia que determinavam os rumos políticos e ideológicos: os girondinos e os jacobinos.

O filme retrata o conflito interno entre os jacobinos: os mais moderados e os mais radicais. Apesar de ambos terem participado ativamente da Revolução, a questão era

preservar a qualquer custo os princípios da revolução e considerar contrarrevolucionários todos que tentavam ser menos radicais. Estes polos são retratados por Robespierre que quer preservar os princípios da Revolução e por Danton que busca contra atacar o que está posto, porque se considera um representante do povo e este vive em extrema pobreza e terror.

Desta maneira é possível analisar pedagogicamente o filme e concluir que a Revolução foi um movimento político e social que permitiu a compreensão de como o homem daquele tempo estruturava sua atividade e consciência. Isto é qual sua motivação, o sentido que dava para o momento histórico que estava vivendo qual o significado deste, quais suas ações e operações diante das mudanças. Por meio desses elementos conceituais, podemos observar no filme Danton (1983) que toda atividade política é movida por um motivo – preservar os princípios da Revolução – entretanto as ações tanto de um grupo como de outro (os moderados e os radicais) têm fins diferentes.

Leontiev alerta que não é comum se diferenciar os conceitos de ação e operação para se compreender a estrutura geral da atividade. Entretanto para ele é fundamental diferenciar estes dois conceitos, pois “as ações estão correlacionadas com os fins, as operações com as condições”. (Leontiev, 1978, p.85).

Ainda para esse autor a análise da consciência como forma superior do psiquismo, deve abarcar a concepção de que aquela se constitui no processo de relação social e necessariamente pressupõe o funcionamento da linguagem. Afirma que tanto a análise do pensamento como da consciência e outras formas superiores do psiquismo, devem, de acordo com a exigência marxista, ser compreendida na totalidade histórica social da humanidade e não somente pela vertente biológica (vertente naturalista) ou abstrata (vertente idealista).

De certa forma o que se pode concluir a partir de Fernandes (1985) é que a revolução compreendida com expressão de mudanças estruturais na sociedade que significa transformações da ordem social vigente e a contrarrevolução que é entendida como o movimento de classe que impede ou adultera a revolução, são atividades humanas que requerem estruturas psicológicas superiores como consciência, motivação e sentido.

Se recorrermos ao filme podemos constatar que as ações para preservar o lema da Revolução nem sempre coincidem com o próprio lema e as operações tampouco. E ainda

é possível analisar que a estrutura da consciência só pode ser entendida em sua totalidade histórica. O filme *Danton* (1983) evidencia que de certa forma a contrarrevolução no contexto da Revolução Francesa teve êxito, visto que favoreceu os interesses da nobreza falida e da alta burguesia que se firmava como classe social.

Referências

- Wajda, A. (1983). *Danton: o processo da revolução* [DVD]. França / Polônia: Gaumont International / Les Films du Losange / Production Group X / TF1 Film Productions / S.F.P.C. - T.M. / P.P. Film Polski.
- Fernandes, F. (1984). *O que é revolução*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense.
- Hobsbawm, E. (1982). *A Era das Revoluções*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Leontiev, A. N. (1978). *Actividade, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias Del Hombre.

Apresentação 4

“DAENS”: SOBRE A MISÉRIA DA RIQUEZA NA EUROPA DO SÉCULO XIX

Rhayane Lourenço da Silva*

Marta Chaves

Lenita Gama Cambaúva

Renata da Silva

O filme “Daens” foi dirigido por Stijin Conin em 1992, lançado no Brasil em 1993 com o título “Daens: um grito de justiça” e é baseado em uma história real em que se narra a trajetória do Padre Daens (1839 – 1907), aos seus 68 anos de idade, após cumprir seu segundo mandato político. Adolf Daens, originário de Aalst, uma cidade no interior da Bélgica, foi um sacerdote que se opôs ativamente ao conservadorismo da Igreja Católica. Sua atuação política pautou-se pela defesa de direitos do proletariado, dentre eles o direito ao voto.

A contradição entre capital e trabalho em meados do século XIX é revelada no filme, que mostra homens, mulheres e crianças já muito pequenas, produzindo a riqueza material de toda a humanidade e, ao mesmo tempo, vivendo em condições de miséria absoluta, sucumbindo com a fome, o frio e outras formas de violência que a classe trabalhadora era submetida.

O drama retrata a condição de vida e de trabalho ao final do século XIX na Europa, apresentando a rotina de produção de uma fábrica de tecelagem no interior da Bélgica, demonstrando o estado de miséria da classe trabalhadora nesse período histórico. As cenas e diálogos mostram como os proprietários das tecelagens do norte da Bélgica decidiram incorporar mulheres e crianças no trabalho operário, como uma mão de obra mais barata que os homens “- *Três operários para quatro máquinas. Se usarmos mulheres em vez de homens duplicaremos o lucro - Porém tal solução se desdobra no aumento de acidentes de trabalho e mortes no interior das fábricas*” (Demiers, 1993).

Conseguiram, assim, manter preços que permitiam enfrentar a concorrência da indústria inglesa. Engels (2008) explica que na desenvolvida indústria inglesa, a mecanização

do trabalho possibilitou a incorporação de mulheres e criança nas fábricas e com isso, a redução dos salários.

Tanto na fiação quanto na tecelagem, a partir da introdução das máquinas, o trabalho humano consiste principalmente - já que as máquinas fazem todo o resto - na reparação dos fios que se rompem; esse trabalho não exige força física, apenas dedos ágeis. Então, não só os homens são dispensáveis, como, por outra parte, o maior desenvolvimento dos músculos e da ossatura das mãos tornam-nos menos aptos para esse trabalho que as mulheres e as crianças - por isso, estão quase todos excluídos desse tipo de trabalho (Engels, 2008, p.179).

Assim, cada filho ou filha, ainda criança, já estavam aptos a trabalhar nas fábricas, como a única possibilidade de se trazer comida à mesa da família. Firmou-se um binômio da economia burguesa que se perpetuou na história: maior oferta de trabalhadores é igual a menor valor pago pelo trabalho. Os salários eram tão baixos que seria necessário que todos os membros da família estivessem trabalhando para que vivessem de forma razoável, comendo batatas, vestindo trapos velhos e vivendo sob um teto bastante precário. No filme, Daens denuncia ao Parlamento a condição miserável de trabalho:

“- Permitam-me contar mais uma coisa. Eu andava as margens do Dender e uma mulher se aproximou e me pediu esmolas. Seu marido estava desempregado e ela tinha quatro filhos, a mais velha tinha catorze anos e havia encontrado um emprego numa fábrica de fiação, onde tinha de trabalhar, subnutrida, das 6:00 as 19:30 em um ambiente insalubre, descalça sobre a água morna. Pois bem, sabem quanto ganha essa jovem que nesse inverno deve congelar ao voltar para casa? Cinquenta centavos por dia, por dia. Eu lhes pergunto senhores, se aos vinte essa menina não estará morta de tanto trabalho se, quando for mãe de família, não amaldiçoará seu destino. Não amaldiçoará essa sociedade da qual tanto nos orgulhamos?” (Demiers, 1993).

Esta condição de vida miserável gerava, por um lado, o desamparo e a naturalização das desigualdades e por outro, enfrentamento por meio da luta política que se estabelecia entre burguesia e o proletariado. A exploração do trabalho passou a ganhar limites com o processo das legislações fabris, que foi modelo na desenvolvida Inglaterra.

Até a legislação fabril inglesa de 1933, que custou a ser posta em prática, crianças trabalhavam dia e noite, literalmente. Proibiu-se, então, a contratação de crianças menores de

9 anos, limitou-se o trabalho noturno e a jornada de trabalho de crianças de 9 a 13 anos em 8 horas e a de adolescentes em 12 horas, no entanto trabalhavam por até 6 horas e meia sem intervalo e sem alimentação. As mulheres, em 1944, passaram para uma jornada de 12 horas, sendo vetado para estas o trabalho noturno. Somente em 1948 foi conquistada a redução da jornada do trabalho de 10 horas, inclusiva para os homens, que trabalhavam por 15 horas diárias. No entanto, os trabalhadores eram forçados a fragmentar seus turnos, pertencendo à fábrica por até 15 horas, engolindo suas refeições em um ou outro fragmento de tempo ocioso, que lhes era imposto. O processo de legislação sobre a jornada de trabalho estava cercado de contradições, principalmente para mulheres e crianças:

A lei de 1844 “roubou-lhes”, em verdade, a “liberdade” de pôr a trabalhar crianças menores de 11 anos mais que 6 1/2 horas por dia, mas assegurou-lhes, em compensação, o privilégio de fazer trabalhar crianças entre 11 e 13 anos por 10 horas diárias e cassou a obrigatoriedade escolar prescrita para crianças de outras fábricas. (Marx, 1996, p.406).

A luta pela redução da jornada de trabalho na Inglaterra inaugurou um processo que se espalhou pelo mundo em meados do século XIX, definindo o tempo que o trabalhador vendia ao capital e o tempo que poderia pertencer a ele mesmo, definindo, também a distinção entre infância e a adolescência e seus direitos à educação, que, evidentemente, seriam submetidos a desigualdades da condição de classe social.

O filme “Daens” revela a degradante situação de trabalho de mulheres e crianças nas fábricas de tecelagem, que tinham as maiores taxas de mortalidade. As crianças estão o tempo todo lutando contra o sono e correndo risco de mutilação ou mesmo morte sob as máquinas que trabalham, pois eram submetidas a uma rotina de trabalho, que hoje julgaríamos inaceitável, dormindo muito pouco e trabalhando muitas horas ininterruptamente. As meninas e mulheres comumente tinham seu trabalho submetido à violência sexual sofrida pelos diretores de fábricas, sem qualquer intervenção do Estado.

Neste cenário bárbaro de concorrência do capital internacional e em oposição à burguesia local, o padre Daens utiliza o jornal do Partido Católico para relatar as condições de trabalho dos operários, além de propor o sufrágio universal, acreditando ser possível, desta forma, implementar o Estado Democrático. Na defesa desses ideais, Daens motiva e provoca

enfrentamentos com industriais, membros do parlamento e com a própria Igreja. Sofre perseguições, sendo expulso da Igreja Católica.

A Igreja tentava garantir silêncio e obediência do proletariado; seja por meio dos sermões, por sua atuação no partido político ou por sua atuação efetiva junto à imprensa. Padres e bispos, bebendo e jogando em salões participam das negociações com os dirigentes políticos da burguesia industrial. A “*Rerum Novarum*”, publicada em 1891, pelo o Papa Leão XIII, tratava da condição do operariado em seus 37 tópicos sobre temas como socialismo, comunismo, propriedade privada, salário, caridade, Estado, voto e família. O pontífice define o contexto vivido como “época agitada” em que o “povo está exaltado”, afirmando categoricamente que é função da Igreja “colocar os operários no caminho certo” (Leão XIII, 1891, p.20).

A luta de classes que se acirra nas últimas décadas do século XIX é reconhecida pela encíclica papal, no entanto aponta que a vida de operários e proprietários não deve se firmar pela luta, mas pela concórdia e nesta argumentação convoca o Estado à tarefa de “aproximar e reconciliar os ricos e pobres” (Leão XIII, 1891, p.7). O texto descreve as obrigações e intervenções do Estado e ao tratar das greves diz que “o remédio, portanto, nesta parte mais eficaz e salutar é prevenir o mal com a autoridade das leis e impedir a explosão, removendo a tempo as causas de que se prevê que não de nascer os conflitos entre os operários e patrões (Leão XIII, 1891, p.16). O documento traz orientações de como o Estado deve intervir em movimentos originados nas minas ou indústrias. Para isto se ampara nos Mandamentos basilares da fé cristã e em livros bíblicos como Deuteronômio, Gênesis, Tiago, Timóteo, Lucas, Atos, Marcos, Romanos, Eclesiastes, Provérbios e, por inúmeras vezes, em Mateus e Coríntios.

A “inviolabilidade da propriedade particular” (Leão XIII, 1891, p.6), a questão primordial para o capital, é justificada por sua origem divina, pois “Deus não a concedeu aos homens para que a dominassem confusamente todos juntos [...] dividida em propriedades particulares, a terra não deixa de servir à utilidade comum de todos” (Leão XIII, 1891, p.2-3).

Ao mesmo tempo em que defendia a filantropia, ilustradas no filme com a distribuição de sopas e cachecóis, a Igreja defendia a propriedade privada, estava ao lado do capital, no banco de negociações da burguesia industrial que explorava a massa de trabalhadores. A

prática assistencialista da caridade era comum para atenuar a miséria e cumprir a função de desmobilização dos embates entre trabalhadores e patrões, dos movimentos grevistas que eram, então, são desarticulados pelas mãos dos filantropos.

A contradição entre a riqueza produzida e a miséria dos produtores não poderia ser superada com a filantropia. O filme mostra-nos uma riqueza e desenvolvimento que não estavam a serviço da emancipação do trabalhador comum, que nem mesmo era alfabetizado. A educação erudita era privilégio dos filhos e filhas da burguesia. O desenvolvimento científico e tecnológico estava voltado à maximização da produção; novas fontes de energia – petróleo e eletricidade – empregadas em substituição ao carvão, bem como a presença de rodovias, formas de transportes consolidadas (locomotivas e navios). De toda a riqueza conquistada pelo desenvolvimento científico e produtivo, a classe trabalhadora ficava apenas com algumas batas, o álcool e alguns trapos velhos, além do jornal utilizado pelo Padre Daens, que era lido pelos poucos trabalhadores alfabetizados aos demais.

Se de um lado apresenta-se uma possibilidade de enfrentamentos revolucionários do proletariado, por outro, se gestam saídas no seio da própria dinâmica do capital. A filantropia, com marcas de uma aparente solidariedade, o voto expresso numa defesa de exercício democrático e a caridade religiosa são proposições pautadas na ação e orientação da Igreja e do Estado, que não colocam em xeque o modo de produção capitalista, responsável pela desigualdade social.

Referências

Conix, S. (1993). *Daens: Um grito de Justiça*. [DVD] São Paulo: Look Filmes.

Engels, F. (2008). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo.

Luis XIII, P. (1891). *Carta Encíclica “Rerum Novarum”*: sobre a condição dos operários. Recuperado em 20 de junho de 2009, de: [http://www.cefep.org.br/documentos/textoseartigos/documentosecartas/rerum_novarum.doc/v](http://www.cefep.org.br/documentos/textoseartigos/documentosecartas/rerum_novarum.doc/view)
iew

Marx, K. (1996). *O Capital* (Os Economistas, tomos 1 e 2). São Paulo: Nova Cultural.